

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO NOTURNO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MARINGÁ

PHYSICAL EDUCATION IN EVENING CLASSES IN THE PUBLIC SCHOOL SYSTEM IN THE MUNICIPALITY OF *MARINGÁ*, STATE OF *PARANÁ*, BRAZIL

Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira^{*}
Gislaine Lisboa^{**}

RESUMO

O presente estudo caracterizou-se como do tipo descritivo e teve como objetivo analisar a situação do desenvolvimento da educação física do ensino noturno nas escolas públicas de Maringá. Foram entrevistados 17 (71%) docentes atuantes no ensino noturno de 13 (76%) estabelecimentos públicos de ensino que oferecem a educação física no período noturno. Como instrumento, utilizou-se de uma entrevista semi-estruturada, com indicadores que abordavam desde os aspectos pessoais dos entrevistados até suas práticas no desenvolvimento da disciplina no cotidiano da escola. Os dados indicaram que os profissionais que atuam no ensino noturno possuem formação acadêmica em nível de pós-graduação *stricto e lato-sensu*, entretanto, desenvolvem uma prática pedagógica refratária e descontextualizada, sendo, portanto, necessária a aplicação de medidas que visem estudos mais aprofundados para suporte ao enfrentamento das atuais necessidades do ensino, com o propósito de torná-lo efetivo e útil a todos que dele participam.

Palavras-chave: Educação Física, ensino noturno, metodologia de ensino.

INTRODUÇÃO

O ensino noturno nunca chegou a despertar grandes interesses em nossos governantes. Essa afirmação é baseada nas leituras da legislação nacional para o ensino realizadas por Carvalho (1994, p. 40), que afirma: “a partir dos dados referentes ao início do funcionamento dos cursos noturnos e do estudo da legislação escolar – onde se reconhece a existência desses cursos e sua destinação – nota-se que nada foi realmente pensado para adaptá-la às condições específicas dessa clientela, nem para aproveitar a experiência vivida desses alunos.”

Pensar a educação noturna é pensar o terceiro turno de trabalho, o cansaço, a exigência diminuída, o tempo encurtado e a

qualidade geral reduzida. Os atores do período (administradores, docentes e alunos) juntam-se nesse “sacrifício” (de se prontificarem a atuar num terceiro turno) e assumem-se como dependentes da situação. Aceitam e referendam esse fato como um período de trabalho e ensino excedente, um bônus social. Isso parece ser “senso-comum” na categoria do magistério.

De acordo com dados do Ministério da Educação (1996), 60% do ensino médio no Brasil acontece no período noturno. Isso deveria servir de indicador para se dedicar mais atenção a esse turno de ensino. Entretanto, ainda não conseguimos visualizar dentro das políticas públicas do ensino, esse cuidado e essa atenção.

Em se tratando de Educação Física, esse quadro é ainda mais triste. A nova Lei de

* Professor Doutor Adjunto do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá-Paraná.

** Professora de Educação Física, graduada pela Universidade Estadual de Maringá, atuante na rede pública do Mato Grosso do Sul.

Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96, em seu artigo 26, cita:

os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

E, no parágrafo 3º do mesmo, complementa:

a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, **sendo facultativa** nos cursos noturnos.¹

É lamentável como os alunos trabalhadores são discriminados em suas formações. Poderíamos perguntar por que ao aluno trabalhador não deve ser propiciada uma formação que contemple os conhecimentos sobre seu corpo e suas possibilidades, sua expressividade, seu tempo livre e a vivência das manifestações da cultura corporal?

A condição *facultativa* determinada pela LBD 9.394/96 representa, conforme pode-se constatar nos órgãos educacionais nacionais, a quase exclusão desse componente da grade curricular para o ensino noturno.

Todavia, poderíamos considerar que, se houvesse um trabalho qualificado por parte dos docentes junto aos alunos do ensino noturno, esse quadro poderia ser revertido, e os maiores interessados, no caso os alunos, poderiam ter argumentos suficientes para reivindicar tal direito. Fato este que não podemos garantir categoricamente, pois nos faltam subsídios para podermos afirmar tal condição favorável. Dessa forma, com o intuito de coletar tais indicadores é que nos propusemos à realização deste estudo, que tem como objetivo geral diagnosticar a atual situação da educação física no ensino noturno em escolas da rede pública de ensino de Maringá.

E, para dar atendimento a esse objetivo, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- realizar um levantamento das escolas públicas que oferecem o ensino noturno;
- verificar se a educação física consta como componente curricular;
- coletar a opinião dos docentes sobre a prática da educação física no ensino noturno;
- verificar como os docentes organizam e desenvolvem as atividades de ensino na educação física do ensino noturno.

METODOLOGIA

Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa caracterizou-se como sendo do tipo descritiva, de acordo com Barros (1986, p. 90), uma vez que diagnostica e analisa uma situação, sem promover interferências na sua normalidade.

População

O universo do estudo compreende 27 estabelecimentos de Ensino Público de Maringá que oferecem o ensino noturno, sendo que destes apenas 18 possuem em sua grade curricular o componente educação física. O total de docentes de educação física atuantes nesse período de ensino é de 24.

Amostra

A amostra foi intencional, pois buscou selecionar o maior número possível de estabelecimentos e localidades distintas da cidade.

A intencionalidade prendeu-se a uma distribuição equilibrada em relação à localidade das escolas. Foram selecionadas seis escolas de periferia e sete do centro da cidade. Não se considerou o nível de escolaridade oferecido, apenas a condição de oferta da educação física no período noturno.

Os docentes foram selecionados, obedecendo ao mesmo critério, entretanto, destaca-se que, em algumas escolas, havia um número grande de professores, sendo entrevistado aquele que se fazia presente no dia da visita.

¹ grifo nosso.

O grupo de amostragem acabou por se constituir de 13 estabelecimentos, sendo 72% dos que oferecem educação física, ou seja, 49% do total de estabelecimentos que têm ensino noturno, e 17 docentes, perfazendo 71% dos que atuam no ensino noturno.

Instrumento de medida

O instrumento de medida baseou-se numa entrevista semi-estruturada, que teve como indicadores os seguintes tópicos:

- a) formação acadêmica;
- b) período de atuação no ensino noturno;
- c) preparo acadêmico para atuar no ensino noturno;
- d) escolha do ensino noturno;
- e) entendimento sobre a educação física para o ensino noturno;
- f) estratégias na organização e desenvolvimento da educação física no ensino noturno.

Coleta de dados

A entrevista foi realizada pelos próprios pesquisadores, nos locais de trabalho dos professores componentes da amostra.

Análise do dados

A análise de dados se deu por intermédio da análise de conteúdos de Bardin (1977).

Limitações do estudo

O estudo limitou-se a ouvir apenas uma das partes envolvidas no processo educacional. A visão unilateral do contexto acabou por prejudicar análises mais profundas e retificadoras dos pontos trabalhados. Contudo, o estudo não perde o valor e a representatividade sobre o quadro atual da educação física no ensino noturno de Maringá.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente apresentamos os resultados que nos fornecem um panorama geral do perfil dos profissionais que atuam no ensino noturno. Para tanto, verificou-se a idade, tempo de formado e nível de formação acadêmica desses profissionais.

Quadro 1 - Perfil dos profissionais que atuam no ensino noturno em relação à idade, ao tempo de formado e à formação acadêmica.

Indicadores		fi	%
Faixa etária	de 25 a 33 anos	9	53
	de 34 a 42 anos	2	12
	de 43 a 51 anos	5	29
	de 52 a 60 anos	1	06
Tempo de formado	mais de 31 anos	2	12
	de 21 a 30 anos	4	23,5
	de 11 a 20 anos	4	23,5
	de 01 a 10 anos	7	41
Participação em pós-graduação	Nenhuma	1	6
	Atualização	1	6
	Especialização	13	76
	Mestrado	2	12

De acordo com o que foi apresentado no Quadro 1, podemos verificar que boa parte (41%) dos docentes atuantes no ensino noturno ainda está no que poderíamos denominar de “primeira fase do exercício profissional”. Evidentemente que se trata de um período longo, entretanto podemos admitir que ainda se coloca como sendo uma fase de adaptação e inserção efetiva no mercado educacional. Devemos salientar que a experiência profissional relatada ou de período de formado não se restringe apenas ao ensino noturno.

Outro detalhe dos dados é a quantidade de profissionais com pós-graduação em nível de especialização “lato sensu” e mestrado “stricto sensu”. São 15 (88%) profissionais atuantes. Este é um ponto positivo do quadro apresentado, contudo não se pode afirmar que pós-graduação seja sinônimo de qualidade de ensino.

Os dados apresentados nos remetem aos comentários de Silva e Nogueira (1984, p.30), ao afirmarem que “... os professores com maior titulação ou maior tempo de serviço escolhem aulas da manhã e tarde... restando para o noturno os professores novatos e menos habilitados”.

Essa afirmação é coincidente com o que disseram Caporalini (1991) e Gonçalves (1992), o que nos remete ao entendimento de que ainda estamos vivendo as constatações citadas, ou seja, pudemos verificar que os profissionais

mais jovens ainda são os que assumem a responsabilidade do ensino noturno.

Pode-se dizer que o quadro apresentado em Maringá diverge do citado anteriormente, pois pudemos encontrar professores titulados e com larga experiência profissional atuando no ensino noturno.

A sistemática de distribuição de aulas geralmente ocorre de acordo com o tempo de serviço e disponibilidade dos profissionais, sobrando para os “piores horários”, pois o noturno é considerado como sendo um horário ruim, aqueles profissionais que não podem reivindicar outras situações, por não possuírem condições de vínculo empregatício e tempo de serviço suficientes para tal possibilidade de escolha. É pegar ou largar.

Sobre a questão de participação em cursos de atualização, houve uma manifestação muito interessante de um dos docente que afirmou:

Eu estou na educação física por necessidade e por falta de condições de mudar, mas assim que puder deixar eu vou deixar. Você se desgasta, não tem retorno profissional e nem financeiro. Você não tem troca, se duvidar tem troca de bofetões.

Esse depoimento vem reforçar as dificuldades citadas em relação ao ensino noturno. É realmente um período de difícil relação e aceitação por parte de docentes e discentes, entretanto necessita de estímulos e seriedade em seu desenvolvimento.

Oliveira (2000) apresenta, em artigo sobre a implantação de novas metodologias, as dificuldades que um docente sofre ao propor mudanças em sua prática pedagógica. O preparo adequado por meio de aprofundamento de estudos, planejamentos, seleção de conteúdos apropriados dentre outros deve ter prioridade e, em especial, ao ensino noturno, pois o mesmo requer adequações para não perder em qualidade.

Ainda em relação à formação recebida, questionamos os docentes sobre o preparo para a atuação no ensino noturno. As respostas voltaram a confirmar o despreparo destes ao enfrentamento do ensino noturno. 70% dos entrevistados não tiveram nenhum preparo especial para as peculiaridades do ensino nesse horário, ou seja, o aluno

trabalhador, o pouco tempo para tarefas diferenciadas, a necessidade de ações estimulantes, o devido preparo de aulas dinâmicas e animadas, planejamentos redimensionados e outros tantos pormenores que deveriam ser analisados para que não se perdesse em qualidade pedagógica.

Este é um ponto para o qual os estabelecimentos de ensino que oferecem o período noturno deveriam se atentar. As coordenações pedagógicas não podem negligenciar um preparo especializado para esse período de ensino, pois as formações básicas das diversas graduações pouco ou nada discutem essa realidade.

Dando continuidade ao entendimento do quadro de atuação em relação ao noturno, procuramos saber dos entrevistados quais foram os motivos que os levaram a escolher o ensino noturno e, como respostas, obtivemos os motivos apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Motivos que levaram os docentes a escolherem o ensino noturno.

Motivos	fi	%
Completar carga horária	17	73,8
Diversificação do trabalho	1	4,4
Necessidade financeira	4	17,4
Gostar da faixa etária dos alunos do noturno	1	4,4
Total	23	100

Os resultados apresentados na Tabela 1 voltam a confirmar o já que fora afirmado anteriormente, ou seja, a aceitação e busca pelo ensino noturno se dá pela necessidade de se completar a carga horária e também para o auxílio financeiro.

Como confirmação dessas análises podemos observar outras respostas apresentadas pelos docentes:

- Eu escolhi o noturno porque eu precisava dar aulas, precisava de grana. Não é porque me interessa e gosto, apesar de a turma não ser ruim, é razoável, mas eu preferiria não ter que dar aula à noite.
- Foram as únicas turmas que restaram.
- Sobrou aula você pega.

Esse quadro é lamentável, porém real. E para demonstrar que ainda temos muito por fazer, procuramos saber em quantos turnos os profissionais trabalham. Dos docentes entrevistados, 09 (53%) atuam em três turnos de trabalho, ou seja, manhã, tarde e noite. Como é de conhecimento geral, os docentes que atuam na rede pública ao assumirem a carga horária de vinte horas, deverão atuar vinte horas em sala de aula. Com três turnos de trabalho, o docente trabalha em média sessenta horas semanais em sala de aula. Podemos perguntar que estímulo e condições físicas e psicológicas esse profissional terá para estudar, revisar seu planejamento, organizar novas estratégias de ensino, escolher novas bibliografias, enfim, estudar? Os movimentos por melhores condições de trabalho são inúmeros pelas entidades dos profissionais da educação, entretanto, em vão quanto aos resultados alcançados e de pouca repercussão social.

Difícilmente poderemos avançar na qualidade de ensino se pontos básicos como os citados não forem atendidos, ou seja, horas disponíveis para estudos, preparo especializado, incentivo ao contínuo e permanente aperfeiçoamento.

Freire (1997) nos afirma que o docente deve ter em mente a sua condição de “inacabamento”. Porém, não basta essa condição apenas ao professor, é necessário que o Estado e a sociedade também entendam que ele necessita estar em constante formação. Não se pode entender que o docente ou qualquer outro profissional, ao findar sua graduação, esteja pronto e acabado. A capacidade de produção do conhecimento é infinita e cada vez mais veloz no mundo atual. O docente atualizado e dinâmico necessita de condições para essa busca constante.

Na continuidade do estudo, procuramos conhecer as opiniões dos docentes sobre as condições atuais da educação física no noturno, cujas respostas são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2 - Condição atual da educação física no ensino noturno, de acordo com os docentes atuantes.

Categorias	fi	%
É vista como recreação	7	30
Situação difícil devido as más condições de trabalho	6	26
Necessita de um trabalho diferenciado	3	14
Dificuldades devido às características dos alunos (trabalhadores)	2	9
Falta de reconhecimento profissional	2	9
Dificuldades didáticas	1	4
Não está sistematizada	1	4
Oferece boas condições de ensino	1	4
Total	23	100

O entendimento de que a educação física é o momento de ocupação de um tempo com o fim em si mesmo ainda é forte, conforme destaca boa parte dos docentes respondentes. O aluno trabalhador já vem cansado para a escola, e a educação física deve propiciar sessões onde ele possa se recuperar e esquecer o dia de esforço. Esse papel atribuído à educação física, de forma geral, é ultrapassado e necessita ser revisitado e modificado no conceito da sociedade. Trabalhos consistentes e voltados ao conhecimento poderão contribuir nessa caminhada de legitimidade da educação física.

Dentre as respostas apresentadas, pode-se perceber também uma preocupação com as peculiaridades que cercam o ensino noturno, em que os docentes requisitam um preparo adequado e uma reorganização dos conteúdos da área: “situação difícil devido às más condições de trabalho; necessita de um trabalho diferenciado; falta de reconhecimento profissional e dificuldades didáticas”.

Isso demonstra a necessidade de as coordenações pedagógicas se empenharem na consolidação de novas estratégias e novos olhares para a área e para o profissional da educação física que atua no noturno.

Vale ressaltar que as indicações dos docentes também revelam as condições precárias em que desenvolvem suas atividades, pecando pela falta de estrutura física, material e pedagógica. Essas indicações referendam as críticas até aqui apresentadas e reforçam a necessidade de maior atenção ao ensino noturno.

Pudemos perceber que o conceito e a prática da educação física no ensino noturno de Maringá estão calcados no paradigma desportivo-recreativo. E essa afirmativa pôde ser confirmada quando questionamos os docentes sobre a importância desse componente curricular para o ensino noturno. As respostas estão apresentadas na Tabela 3 abaixo.

Tabela 3 - A importância da educação física no ensino noturno, de acordo com os docentes atuantes.

Categorias	fi	%
Momento de lazer do aluno trabalhador	6	26
Atividade compensatória	5	22
Aprendizagem de modalidades esportivas	1	4
Cativa o aluno, socializa e estimula a cooperação	4	17
Importante, desde que contribua com o desenvolvimento dos alunos	3	13
Momento de descontração dos alunos	2	9
Mercado de trabalho nosso	2	9
Total	23	100

As respostas apresentadas pelos docentes confirmam a educação física enquanto momento do lazer, do aprendizado desportivo e do exercício compensatório. As demais categorias apenas realçam o valor integrador e socializador que a atividade física possui.

Historicamente, podemos dizer que a educação física, no período noturno, teve esse conceito, o momento de ocupação do aluno trabalhador com práticas recreativas e relaxantes, sem funções formativas e informativas mais consistentes.

Porém, temos a destacar que, nas indicações dos docentes entrevistados, esse caráter formativo e informativo possui espaço em suas práticas, mesmo o professor sendo conflitante com as práticas pedagógicas por ele relatada, o que nos leva a entender que existe um discurso distante da prática exercida. Trata-se de um quadro bastante complexo e que exige que sejam organizadas ações mais estruturadas e consistentes pedagogicamente para que haja mudanças efetivas no ensino.

Tal conflito é também exposto por Freire e Shor (1986) quando comentam que, em muitas oportunidades, os docentes não conseguem enxergar-se em suas práticas pedagógicas. Em muitas vezes, existe a intenção, por parte dos docentes, de se provocar alterações em suas

práticas pedagógicas, entretanto, o cotidiano e o vício em práticas seguras inibem novas possibilidades de envolvimento e experimentações. Isso pode levar ao fato de apenas se assumir um discurso inovador e atual, para não se posicionar fora das novas tendências, e manter uma prática pedagógica ultrapassada por falta de incentivo, estudo e coragem.

Em relação ao planejamento da disciplina, todos afirmaram elaborá-lo. Destes, 8 (47%) docentes afirmaram dar maior importância na elaboração do planejamento anual, 1 (6%) sobre a estratégia de planejamento semestral, 7 (41%) optam pelo planejamento bimestral e 1 (6%) pelo planejamento diário.

De acordo com o que foi apresentado sobre planejamento, podemos entender que apenas 9 docentes (53%) possuem visão de planejamento a longo e médio prazo, os demais entendem planejamento de forma mais curta e imediata.

Libâneo (1994, p.222) afirma que planejamento “é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto escolar”.

Desenvolver uma disciplina sem o devido planejamento é um equívoco pedagógico crasso. Os docentes necessitam de momentos específicos de estudos adequados à organização das ações do ano. A seleção de determinados conteúdos necessita pautar-se na relevância e significância destes dentro do processo formativo, caso contrário podem não ser necessários e serem excluídos sem afetar o processo no seu todo.

Ainda na temática planejamento, procuramos verificar se os docentes organizavam seus planejamentos junto com toda a equipe pedagógica da escola ou individualmente. Não houve nenhum docente apoiado pela equipe pedagógica na elaboração do planejamento. 08 (47,1%) docentes organizam o planejamento apenas junto com os demais professores da área e 09 (52,9%) organizam individualmente. Esse fato é lamentável e pode empobrecer sobremaneira as questões pedagógicas da escola. A visão global e interativa tende a ficar muito prejudicada sem esse momento pedagógico. Mais uma vez podemos constatar que a

educação física fica alheia ao processo pedagógico da escola. A escola não se faz de disciplinas estanques e isoladas, ela é todo um complexo administrativo, pedagógico e didático que necessita ser trabalhado integralmente e em parcerias.

Uma das precariedades desse sistema adotado pelos docentes ficou explícita nos conteúdos que dizem trabalhar no ensino noturno, conforme apresentado abaixo na Tabela 4.

Tabela 4 - Conteúdos ministrados nas aulas de educação física no ensino noturno

Conteúdos	fi	%
Esportes coletivos	13	46,5
Xadrez	3	10,8
Regras e fundamentos históricos das modalidades	2	7,1
Desenvolvimento do espírito de liderança	1	3,6
Temas como drogas e sexualidade	2	7,1
Jogos recreativos	4	14,2
Qualidades físicas, postura, anatomia	2	7,1
Dança, ginástica	1	3,6
Total	28	100

Nos resultados apresentados, fica explícito, reforçando o que já fora anteriormente afirmado sobre a prática dos docentes envolvidos no estudo, o paradigma desportivo-recreativo, pois os conteúdos são centrados nos desportos e em atividades recreativas, perfazendo um total de 60,7% das frequências (esportes coletivos e jogos recreativos). As demais categorias nos remetem a ações que poderíamos denominar de “pano de fundo”, consideradas como temas subliminares e são desenvolvidas em oportunidades não sistematizadas, dependentes das intempéries climáticas e/ou espaços físicos das escolas.

Se considerarmos minimamente o que indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais, vemos que o apresentado pelos docentes está muito longe da riqueza de conteúdos que a educação física pode oferecer. Não é oportuno e nem intenção deste estudo apresentar os conteúdos, contudo não podemos deixar de chamar a atenção para as manifestações da cultura corporal e seus múltiplos significados, os conhecimentos do corpo humano e suas possibilidades, a saúde, o conhecimento

aplicado do mundo do movimento e tantos outros. Nossos docentes necessitam revisar suas seleções de conteúdos e seus significados na formação que oferecem.

Em relação aos aspectos metodológicos adotados, pudemos constatar que 06 (35%) docentes afirmaram não se importar com esse aspecto, 06 (35%) dizem adotar o jogo e 05 (30%) ações problematizadoras como metodologia. Vale destacar que as ações ditas problematizadoras, de cunho metodológico, são ações para saber o que os alunos gostariam de jogar e/ou ter como conteúdo, longe dos preceitos atribuídos pela pedagogia baseada em problemas.

Os aspectos metodológicos citados pelos docentes nos remetem novamente aos comentários referentes aos dados da tabela 3. Parece existir um discurso indicando ações transformadoras, contudo, as ações práticas que relataram descredenciam por completo tal discurso. Essa constatação é importante na medida em que podemos constatar que ainda temos muito por fazer em ações e intervenções pedagógicas, sejam de cunho teórico ou prático.

A fala de um docente nos chamou a atenção, pois representa em muito o vivido por grande parte destes no ensino noturno:

- ... eu me sinto um carregador de bolas. Você vai lá, pega uma bola e dá para eles jogarem. Tenta ajudar na organização se é que isso é metodologia.

Mais adiante no relato, ele continua:

- Não tem como aplicar uma metodologia, nem sei se é possível, mesmo que você tivesse uma facilidade melhor em trabalhar se seria possível utilizar uma metodologia.

O quadro apresentado é real, o quadro da educação física na escola é lamentável e de difícil reversão, mas não impossível. Entretanto, em trabalho de tese, Oliveira (1999) comprova que esse desânimo pode ser revertido com sucesso se se utilizar do desenvolvimento de prática pedagógica consistente e relacionada ao cotidiano dos frequentadores do processo de ensino. Para tanto, os docentes necessitam se imbuir do

compromisso do estudo permanente e da busca de novas estratégias metodológicas.

Em todo esse quadro existe um ponto positivo, que é a motivação dos alunos na participação das atividades da educação física. A totalidade dos docentes afirmou que essa motivação é constante, porém se expressa de forma diferenciada por meio da participação nas atividades, da afetividade em relação ao docente da área, pela liberdade de assuntos que a área possibilita e até mesmo pela agressividade, pois é na atividade física que eles acabam por se liberar das tensões diárias.

Com essas colocações, podemos verificar que os docentes possuem uma grande chance de utilizar esse espaço pedagógico de forma enriquecedora e formativa. Fato que não ficou demonstrado ao longo deste estudo pelos depoimentos apresentados.

Por fim, entendemos que muito há por ser feito no ensino da educação física para o período noturno, para que ela possa ser realmente representativa e útil aos participantes do processo educacional desse turno de ensino.

CONCLUSÕES

Baseando-nos nos objetivos organizados para este estudo, iremos apresentar os pontos conclusivos que, por si só, não finalizam a temática, mas servem apenas de indicadores e diagnóstico a outros que possam contribuir nos avanços da educação física e seu papel social, especialmente no ensino noturno.

Detectou-se, no ano de 1999, que existe, em Maringá, 27 estabelecimentos de ensino público que oferecem o ensino noturno, entretanto, apenas 18 destes contemplam a educação física na grade curricular normal dos cursos. Isso revela que apenas 66,7% das escolas atendem à necessidade de oferta desse componente curricular.

Os docentes possuem uma visão de que a educação física é um componente curricular importante na formação de nossas crianças, jovens e adolescentes, independentemente do período e ciclo escolar. Essa visão e esse

discurso infelizmente não se coadunam com as práticas por eles apresentadas e explicitadas nas entrevistas, o que nos leva a crer que falta ao quadro docente um preparo adequado ao enfrentamento do processo didático-pedagógico do ensino noturno.

Outro ponto que nos chama atenção e preocupação é o total descompromisso com ações inovadoras e vinculadas ao cotidiano dos participantes do processo educativo. As práticas relatadas classificam a educação física como momento de atividade livre e descontextualizada do sistema formativo. Isto tende a empobrecer o caráter pedagógico dessa área do conhecimento na formação escolar.

Por fim, podemos entender que existe um desrespeito em relação ao aluno trabalhador, pois não foram apontadas ações que pudessem classificar as atuações docentes como enriquecidas de valor e significado pedagógico. Não foram apontadas pelos entrevistados estratégias integradas do sistema administrativo educacional que pudessem estar incrementando e capacitando-os para um adequado desenvolvimento das ações didático-pedagógicas referentes às particularidades do ensino noturno.

A educação física é um componente curricular de elevado valor pedagógico que não pode ser simplesmente dispensado. Os alunos, mesmo dentro de uma visão limitada sobre as possibilidades formativas e informativas deste, nem poderia ser diferente, apreciam e apoiam o desenvolvimento da educação física. Os docentes, ainda que em conflito didático-pedagógico, conseguem apresentar razões mais do que plausíveis ao efetivo desenvolvimento desse componente curricular. Assim, vemos que se faz necessário um repensar geral das instâncias administrativas educacionais, para que possamos reverter o quadro apresentado.

Entendemos, por fim, que essa reversão salientada poderá se dar por meio de ações participantes, onde todos os atores possam atuar de forma igualitária, tanto os administradores como os alunos, professores e comunidade.

PHYSICAL EDUCATION IN EVENING CLASSES IN THE PUBLIC SCHOOL SYSTEM IN THE MUNICIPALITY OF MARINGÁ, STATE OF PARANÁ, BRAZIL

ABSTRACT

The aim of this descriptive investigation was to analyze the state of art of physical education in evening classes of public schools in *Maringá*. Seventeen (71%) of the teachers acting in evening classes of 13 (76%) public schools that offer physical education in their evening classes were interviewed. A semi-structured interview with indicators comprising personal aspects and practice in every day teaching was applied. The data indicate that the teachers have specialization courses or master's degrees, but their teaching practice is out of time and further studies are necessary to make them overcome current teaching problems and make teaching more effective and useful for all participants.

Key words: Physical Education, evening classes, teaching methodology.

REFERÊNCIAS

CAPORALINI, Maria Bernadete S. Cecília. **A transmissão do conhecimento e o ensino noturno**. Campinas: Papirus, 1991.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. **Ensino noturno: realidade e ilusão**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Questões da nossa época, v. 27).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdos**. Portugal. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Aidil Jesus Paes de. **Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica**. São Paulo: McGraw Hill, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GONÇALVES, Rose Mary Gimenez. **O curso de Educação Geral Noturno no 2º Grau Regular: o controvertido acesso à educação – uma experiência paranaense**. 1992. Dissertação (Mestrado em educação)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MEC. Ministério da Educação e do Desporto. **Desenvolvimento da educação no Brasil**. Brasília: Gráfica do Senado, 1996.

OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de. **A educação física no ensino médio – período noturno: um estudo participante**. Unicamp, 1999. Tese (Doutorado em Educação Motora) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. Mudanças metodológicas no cotidiano escolar: uma experiência com a metodologia do “ensino aberto” no ensino médio noturno. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, n. 5, p. 65-80, 2000.

SILVA, Teresa Roserley N. da; NOGUEIRA, Mazda Julita. **A escola pública e o desafio do curso noturno**. São Paulo: Cortez, 1984.

SOUZA, Paulo Nathanael P. de; SILVA, Eurides Brito da. **Como entender e aplicar a nova LDB: Lei 9.394/96**. São Paulo: Pioneira, 1997.

Recebido em 11/04/00

Revisado em 15/06/00

Aceito em 21/09/00

Endereço para correspondência: Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná. : E-mail: aaboliveira@uem.br
